

BC anuncia intervenção no câmbio com leilão de dólares

BC anuncia intervenção no câmbio com venda de até US\$ 1,5 bi à vista

Leilão de reservas é o 1º desde abril de 2022; moeda fecha a R\$ 5,62 e acumula alta de 16% no ano

Nathalia Garcia

BRASÍLIA O Banco Central anunciou na noite desta quinta (29) a realização de um leilão de venda de dólares à vista amanhã de sexta (30), no valor máximo de US\$ 1,5 bilhão.

Será a segunda intervenção no câmbio desde o início do terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Em comunicado, o BC informou que o leilão será referenciado à taxa Ptax e que acolherá as propostas entre as 9h30 e as 9h35. A mais recente operação nessa modalidade ocorreu em dezembro de 2021, no valor total de US\$ 500 milhões. Já a última venda de dólar à vista aconteceu em abril de 2022, com valor de US\$ 571 milhões.

Nesta quinta, o dólar fechou em forte alta de 1,89%, a R\$ 5,62, conforme dados sobre a economia dos EUA consolidaram apostas de um afrouxamento gradual na taxa de juro americana. A moeda também avançou em relação a divisas de outros mercados emergentes no exterior.

Ao atuar no mercado à vista, a autoridade monetária vende reservas internacionais, sem compromisso de recompra, e o dinheiro é injetado no mercado. Essa foi uma alternativa mais recorrente no governo de Fernando Henrique Cardoso, durante o câmbio fixo. Calculada pelo BC com base nas cotações do mercado à vista, a Ptax é uma taxa de câmbio que serve de referência para a liquidação de contratos futuros. Com isso, agentes financeiros fecham contratos de câmbio já para o próximo mês, o que, em razão de incertezas do cenário doméstico e internacional, pode fazer com que a cotação do dólar suba.

Segundo um agente do mercado financeiro, o leilão atenderá ao rebalanceamento de um dos principais índices de referência para investidores que aplicam em Bolsas de valores internacionais, chamada MSCI (sigla para Morgan Stanley Capital International).

Com a mudança, os investidores precisarão reduzir suas posições no Brasil e enviar recursos ao exterior, o que poderia gerar um repique na cotação do dólar devido a uma maior demanda pela moeda norte-americana. A expectativa é de saída entre US\$ 1 bilhão e US\$ 1,5 bilhão nesta sexta.

Na primeira intervenção no câmbio sob o governo Lula, em abril, o BC realizou um leilão adicional de 20 mil contra-

tos de swap cambial tradicional, atuando no mercado futuro. Foram vendidos todos os contratos ofertados — o equivalente a US\$ 1 bilhão —, sendo 16 mil com vencimento em 1º de abril de 2025 e outros 4 mil com vencimento em 2 de janeiro de 2025.

O BC atravessou 2023 sem ter realizado leilões extras de dólar em meio a um cenário de baixa volatilidade do real e de forte fluxo comercial.

Nas últimas semanas, em um ambiente de volatilidade do dólar ante o real, a cúpula do BC foi questionada em diversas ocasiões sobre a ausência de intervenções da autoridade monetária no mercado de câmbio.

Na quarta-feira (28), o presidente do BC, Roberto Campos Neto, disse que a instituição chegou muito perto de fazer uma intervenção no câmbio. Na ocasião, acrescentou que a autoridade monetária ainda poderia atuar se preciso. "O Banco Central está com o dedo no gatilho", afirmou.

O anúncio da operação de câmbio foi feito um dia depois da indicação de Gabriel Galpelo, atual diretor de Política Monetária, para o comando do BC. Ele é o responsável pela definição da atuação da autoridade monetária no mercado de câmbio.

O dólar atingiu seu maior patamar do ano na sessão de 5 de agosto, quando fechou cotado a R\$ 5,739, chegando a bater R\$ 5,865 na máxima. O principal catalisador foram temores de uma possível recessão na economia dos EUA, após dados fracos de emprego terem causado pânico mundial nos mercados.

Depois de algumas sessões de alívio, o dólar voltou a subir nesta semana, registrando altas consecutivas desde segunda (26). Como fechamento desta quinta, de R\$ 5,621, a moeda acumula alta de quase 16% ante o real, que apresenta uma das piores performances entre as 16 principais moedas do mundo, ganhando apenas do peso mexicano.

A valorização desta quinta também teve como pano de fundo a economia dos EUA. Autoridades do país informaram que o PIB atualizado cresceu 3% no segundo trimestre, superando a estimativa inicial de 2,8% apresentada na primeira leitura preliminar.

O dado acelerou em relação ao 1,4% registrado no primeiro trimestre, afastando ainda mais os temores de que uma desaceleração acentuada es-



Roberto Campos Neto, presidente do BC, em abril, US\$ 1 bi foi vendido em swap cambial. Fábio Rodrigues-Pozzobon - 25.abr.24/Agência Brasil

Acho difícil ter calma, diz Campos Neto sobre Galpelo

O presidente do BC, Roberto Campos Neto, disse nesta quinta (29) achar difícil haver calma na autarquia em relação a pressões do governo sobre os juros. A fala aconteceu após o economista ser questionado sobre a proximidade de Gabriel Galpelo, indicado para comandar o BC, da gestão de Lula (PT). "Eu lembro que, quando eu estava fazendo a transição com o Ilan [Goldfajn, antecessor BC], eu dizia: 'Parece que o cenário está bastante calmo [...]'. E ele falou para mim: 'Roberto, não tem calma no BC. Então, eu acho que calma é difícil'."

taria em curso na maior economia do mundo.

Ao mesmo tempo, o número de pedidos iniciais de auxílio-desemprego recuou na semana encerrada em 24 de agosto para 231 mil, ante 233 mil da semana anterior e abaixo das estimativas de 232 mil.

A leitura é que a economia continua forte e que o mercado de trabalho, apesar de apresentar sinais leves de resfriamento, está mais resiliente do que o especulado no começo do mês.

Os dados foram divulgados após uma onda de otimismo sobre uma iminente redução de juros nos EUA. Na semana passada, o presidente do Fed (Federal Reserve, o banco central americano), Jerome Powell, disse que "chegou a hora" de cortar os juros no país, hoje na faixa de 5,25% e 5,50%. Avaliação agora é que o Fed realizará cortes menores que o esperado anteriormente.

A perspectiva de juros mais altos nos EUA tende a fortalecer o dólar pois aumenta a atratividade da renda fixa americana, considerada uma das mais seguras do mundo, e a punir moedas de mercados de maior risco.

Colaborou Tamara Nasrif, de São Paulo

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: P Pagina: 3